

Capítulo 1

Um pouco de história

1.1 Contextualização da paranóia no campo da psiquiatria

Nesse capítulo buscaremos esmiuçar um pouco mais as definições de paranóia tanto em psiquiatria quanto o uso que será feito desta em psicanálise. Freud e Lacan podem nos auxiliar com duas contribuições importantes: seus respectivos grandes casos de paranóia - o caso Schreber e o caso Aimée.

É notável percorrer a tese de 1932 e encontrar uma extensa pesquisa sobre a psicose paranóica. Na primeira parte de sua tese, Lacan refaz o percurso histórico envolvendo o problemático uso do termo paranóia em psiquiatria. Já na segunda parte irá apresentar e discutir o célebre caso intitulado por ele de Aimée.

A fim de não perdermos o caminho de vista, tentaremos apresentar parte da valiosa pesquisa de Lacan sobre o uso do termo paranóia, sua origem e seus significados, pois assim chegaremos a Freud e a Clérambault.

Vejamos, então, um pouco da história envolvendo a conceituação da paranóia.

1.1.1 Perspectiva histórica do problema

A paranóia como entidade nosológica sofreu inúmeras modificações até a concepção que utilizamos na atualidade, pois inicialmente era um termo utilizado para caracterizar genericamente a loucura. Somente com Emil Kraepelin (1856-1926), que discutiremos pormenorizadamente ainda neste capítulo, foi possível efetuar uma divisão conceitual precisa da paranóia.

É interessante observar que a preocupação envolvendo a classificação em psiquiatria foi uma questão que norteou o trabalho da psiquiatria como ciência durante o século XIX. A história da clínica psiquiátrica foi marcada por uma intensa observação morfológica, isto é, pela descrição dos fenômenos psicopatológicos (Bercherie, 1980, p.21).

Provavelmente, tal fato ocorreu porque a psiquiatria sofreu influência do século anterior, que testemunhou um desenvolvimento crescente de idéias científicas que vinham se organizando desde o início da Modernidade. Esse período, que se

convencionou chamar de Iluminismo, presenciou o desenvolvimento e a descoberta de dados que necessitaram de sistemas que pudessem organizá-los (Alexander & Selesnick, 1966, p.154). A preocupação com a classificação era importante, pois permitia aos autores da época lançar as bases de um novo conhecimento. Portanto, o olhar científico sobre o fenômeno da loucura transformou a doença mental em objeto de conhecimento.

O grande marco que a psiquiatria testemunhou foi o ato de Philippe Pinel, que surgiu como herdeiro desta tradição científica ao postular que o verdadeiro conhecimento se adquire com a observação empírica de fenômenos da realidade. Pinel, ao se apresentar como um legítimo herdeiro do iluminismo, funda com sua obra a “psiquiatria moderna” e a “tradição da clínica como orientação consciente e sistemática” (Bercherie, 1980, p.31).

Observamos, então, com o final do século XVIII, uma crescente mudança que se consolida durante o século XIX. De acordo com Alexander e Selesnick o esforço empreendido pela psiquiatria tinha o objetivo de torná-la parte integrante da medicina (1966, p.187). Lembremos que a psiquiatria havia surgido como ciência no século anterior, por isso, o século XIX viveu o auge dessa busca pela consolidação e respeito técnico-científico.

Mas o nosso problema, contudo, se apresenta por buscar qual seria o lugar da psicose paranóica neste contexto. Embora possamos notar um grande empenho pela observação dos fenômenos, o problema da paranóia enquanto classificação nosológica é de outra ordem. Esse problema deveu-se ao fato de que por muito tempo o termo serviu para designar vários tipos de internação. Lacan assinala que:

A paranóia era então a palavra que, em psiquiatria tinha a significação mais vasta e pior definida, era também a noção mais inadequada à clínica. (1932, p.10)

Numa nota de rodapé, ele faz uma pequena observação de que o termo “paranóia” vinha sendo empregado desde os gregos e que a primeira utilização na clínica realizou-se em 1818 por Heinroth (1932, p.10). Sobre a utilização do termo pelos gregos, Kaufmann (1993, p.390) apresenta uma síntese interessante sobre o uso do vocábulo. Ao invés de definir um estado de loucura, a paranóia designava um “arrebamento de um delírio”. O exemplo empregado é o do “abraço fatal em que se precipitam Édipo e Jocasta” (idem) seguidos de outros exemplos extraídos da tragédia grega.

Pois bem, seriam necessários muitos anos para que a palavra paranóia pudesse ser utilizada sob um outro aspecto. Lacan (1932) refaz a observação de

Kraepelin e de outro autor: Bouman de Utrecht em que observam que de 70 a 80% dos casos de pacientes em asilos eram classificados como paranóicos.

Sobre esse problema da classificação vários autores de diferentes escolas se detiveram. Lacan privilegia três grandes escolas: A Alemã representada por Emil Kraepelin, o grande responsável pela diferenciação da paranóia como entidade clínica, a escola Francesa, representada pelo grupo de Charcot na Salpetriere e por autores como Jules Séglas, Paul Serieux e Joseph Capgras dentre outros e a Italiana, representada por Eugenio Tanzi e Riva.

Tentaremos, por ora, traçar um resumo das principais contribuições desses autores. Apresentaremos primeiramente a escola alemã.

1.1.2 Emil Kraepelin

Não nos custa lembrar que estamos percorrendo um terreno histórico que tem como base uma intensa observação de fenômenos. A redação do tratado de Kraepelin, em 1883, o apresenta como um herdeiro da tradição nosológica clássica, ou seja, de uma tradição que se propõe a relatar e descrever minuciosamente toda sorte de afecções mentais.

Kraepelin escreveu, em 1883, um manual: o *Compêndio de Psiquiatria* que chegou a trinta edições e transformou-se num tratado com mais de duas mil páginas (Bercherie, 1980). A partir da quarta edição passou a realizar uma nova classificação, a dos estados psíquicos degenerativos, incluindo a paranóia neste quadro, com o nome de *Dementia paranoides*.

Vejamos como ele classifica a demência paranoide:

Nesse caso, após um período depressivo inicial, instala-se rapidamente uma floração de idéias quixotescas, absurdas e constantemente mutáveis, inicialmente construídas em torno de interpretações e de ilusões de memória. (Bercherie apud Kraepelin, p.165).

É possível notar, então, que a definição de Kraepelin funciona como um divisor de águas em relação à conceituação da paranóia tal qual a compreendemos na atualidade. Vejamos ainda outras observações importantes feitas por Kraepelin a respeito da paranóia:

(...) de desenvolvimento insidioso, sob a dependência de causas externas e segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante duradouro e impossível de ser abalado, e que se instaura com uma conservação completa da clareza e da ordem do pensamento, na vontade e na ação. (Kraepelin apud Bercherie, 1980 p.170)

Bercherie pontuará que a conservação da clareza do pensamento foi exatamente o traço que permitiu a Kraepelin isolar a paranóia das demais formas de demência precoce. Tal clareza de pensamento conservada na paranóia é um traço que demonstra sua habilidade intelectual.

A paranóia para Kraepelin resume-se em dois mecanismos fundamentais: o delírio de referência, que são os delírios de significação pessoal, e as ilusões de memória, que estão na base das formulações dos diferentes tipos de perseguição, ciúme, grandeza, erotomania.

A partir da escola de Kraepelin houve a diferenciação de duas grandes formas de adoecimento psíquico, ou melhor, dois “grupos mórbidos”. Essa diferenciação trata do grupo das demências e das psicoses, como duas formas distintas de alienação. (Lacan, 1932, p.1)

A concepção da demência constituiria um “déficit capacitário”, marcando com isso a hipótese de uma existência de um paralelo da afecção mental com um distúrbio orgânico. Por outro lado, o grupo das psicoses não apresentaria a presença de um déficit que pudesse ser identificado em testes de memória, percepção, discurso, etc (idem).

Tudo isso influenciou muito a visão de Lacan em relação à psicose, pois, segundo ele, as psicoses estariam, de acordo com muitas doutrinas, relacionadas à afetividade, ao juízo, sendo assim distúrbios específicos de uma síntese psíquica. A essa síntese ele irá denominar personalidade.

Lacan (1932) ainda defende não desconhecer nenhuma concepção de fatores orgânicos que componham a psicose, todavia prefere privilegiar o estudo das psicoses a partir do que chama de “sentido humano”, ao relacioná-la com aspectos da personalidade.

Por isso, então, o problema que pretende pesquisar trata da relação da psicose em suas relações com a personalidade e especifica que pretende abordar este problema a partir da psicose paranóica.

Lacan segue suas observações marcando bem a importância que Kraepelin teve neste momento. Os autores anteriores a este último buscaram discutir esta questão sem, contudo, conseguirem encontrar um denominador comum em torno das questões envolvendo o conceito de paranóia.

1.1.3 Grupo francês

Lacan apresenta também em sua tese a tradição francesa no que diz respeito à adoção ou uso da paranóia como classificação. Ele demonstra que seu emprego foi usado tardiamente na França embora houvesse pesquisas neste sentido.

Um grande número de estudiosos deste período, que compreende o final do século XIX, realizou a sua formação na Salpêtrière, recebendo em sua grande maioria a influência de Charcot. (Bercherie, 1980, p. 177).

Os trabalhos desenvolvidos por este grupo tinham características comuns e a paranóia era caracterizada como um delírio sistematizado que correspondia a uma “monomania intelectual”.

Novamente, vemos um destaque à característica que mais se denota na paranóia: um distúrbio do pensamento ou uma psicose intelectual. Observamos essa característica no trabalho de Jules Séglas.

Este último, um importante expoente desta tradição, inicialmente delimitou a confusão mental em relação à paranóia, que ele classificava como paranóia aguda. Para ele a paranóia aguda diferenciava-se da confusão mental, pois, esta última:

...começa bruscamente por um estado de delírio alucinatório com confusão, só que, enquanto os sintomas, na confusão primária, ao se atenuarem, deixam evidentemente atrás de si o fundo de confusão mental que lhes deu origem, na paranóia aguda, ao contrário, uma vez passado esse período de agudeza, a confusão desaparece e vemos diante de um delírio com sistematização mais ou menos perfeita. (ibid, p.180).

Vemos então que o termo paranóia para Séglas permitia que incluísse nessa categoria os delírios crônicos, sistematizados ou agudos. Ele procurou, assim, diferenciar duas formas de paranóia: as paranóias secundárias e a paranóia aguda. A grande diferença entre as duas localizava-se no momento em que o sintoma paranóico surgia.

Nas paranóias secundárias os delírios sistematizados ocorriam num momento posterior a estados agudos de mania, melancolia, confusão mental e até mesmo de paranóia aguda.

Já a paranóia aguda consistia em casos de delírio alucinatório não confusional, sistemático e agudo, se aproximando muito da forma clássica de paranóia (ibid, p.190).

Ao entrarmos no século XX, por volta de 1902, os autores franceses Serieux e Capgras iniciam uma série de trabalhos com base nos trabalhos de Kraepelin sobre o delírio de interpretação, que foram publicados em uma monografia intitulada de *Loucuras Racionais* (1906).

Notemos que a base dos trabalhos desses autores bebia da fonte de Kraepelin. Em suas observações, Lacan assinala que Kraepelin foi o grande responsável pela maturidade da paranóia como conceito (Lacan, 1932, p. 12).

Voltando a Serieux e Capgras, observamos que o título da monografia redigida por eles, *Loucuras Racionais* destaca a lógica contida na loucura paranóica. O título em francês *Les Folies Raisonantes* exalta melhor a característica destacada pelos autores que literalmente deveria ser traduzida como *As loucuras que raciocinam*, por tentar dar ênfase exatamente a essa característica, do raciocínio da paranóia.

A sintomatologia das *Loucuras Racionais* se apresentava sob a forma de interpretações delirantes que seriam seguidas de idéias delirantes subseqüentes às interpretações, tais como delírios de perseguição, grandeza, ciúme, hipocondríacos e de auto-acusação. Havia ainda a divisão da evolução em três períodos: uma fase de incubação meditativa, na qual ainda havia dúvida no sujeito, o período de sistematização em que aparecia a idéia do delírio e o período em que o delírio poderia ficar encoberto, sem aparecer. (Bercherie, 1980, p. 200).

O destaque dado por eles ao raciocínio paranóico converge com a hipótese lacaniana de um conhecimento paranóico. Sem dúvida o que mais salta aos olhos em relação à paranóia é a estruturação do pensamento e a construção de um sentido lógico para o mundo com base no delírio.

Lacan observa (1932, p.57) que para estes autores há uma relevância na constituição paranóica, pois eles assinalam que, ao contrário das demências, não há uma dissolução nem modificação do caráter do sujeito, O que ocorre é um desenvolvimento exacerbado e unilateral de certas idéias preexistentes.

Richard Simanke (2002, p.75) elucida bem em que consistiria a constituição paranóica ao observar que existem duas maneiras de entender essa expressão. Numa delas a noção de uma constituição paranóica substitui a idéia de uma constituição organogenética condicionada secundariamente a fatores históricos e psicológicos. Na outra, a constituição paranóica torna-se uma categoria meramente descritiva de um conjunto de traços passíveis de serem atualizados em uma formação patológica.

Lacan não se furta também em apresentar semelhanças entre as três escolas. Sobre a última escola, a italiana ele introduz brevemente sem se estender em seus comentários. Ele resume o pensamento da corrente italiana observando que essa se apoiava na noção do pensamento paranóico como diferente da estrutura do pensamento normal.

Não devemos perder de vista de que é exatamente a partir destes autores que se localiza a formação de Lacan. É exatamente dentro desta tradição que seu arcabouço teórico é formado. O que nos interessa nas observações de Lacan acerca

das concepções históricas da paranóia localiza-se na apropriação que este ira fazer deste contexto a fim de formalizar uma teorização sobre o conhecimento paranóico.

Faz-se necessário ainda, portanto, falarmos daquele que o próprio Lacan (1966) denomina “nosso único mestre”: Clérambault.

1.1.4 Clérambault

Parte da formação de Lacan é realizada na “Enfermaria especial dos alienados da delegacia de polícia”. Neste lugar trabalhava Gaëtan Gatian de Clérambault (1872-1934), psiquiatra e estudioso da erotomania e da constituição paranóica.

O trabalho de Clérambault tinha como principal tarefa decidir a internação de pacientes que eram considerados “loucos perigosos” (Harari, 2006, p.8), o que lhe demandava ser muito preciso em seus diagnósticos. Assim, sua clínica lhe proporcionava uma rica experiência.

Segundo Roudinesco (1986, p.123), Clérambault procurava realizar, como Kraepelin, uma classificação coerente das psicoses, propondo assim defini-las a partir de um elemento essencial: *a síndrome do automatismo mental*. O que seria isso?

Por automatismo mental, Clérambault compreende “os fenômenos clássicos: pensamento antecipado, enunciação dos atos, impulsões verbais e tendência aos fenômenos psico-motores” (Clérambault, 1924, p.193). Ele opõe tais fenômenos às alucinações auditivas - por acreditar que estas são freqüentemente individualizadas e temáticas. Conclui que as alucinações ocorrem num momento posterior e o Automatismo Mental apresenta um caráter precursor no desencadeamento da psicose.

A hipótese de Clérambault assinala que a origem do automatismo residiria em uma causa orgânica. Neste ponto, Roudinesco observa que a tese de Clérambault é herdeira da tradição de Kraepelin não somente por manter o organicismo na base da psicose como também demonstra ser o herdeiro da clínica do olhar.

Por clínica do olhar entendemos a minúcia empenhada na observação e descrição dos fenômenos mentais. Bercherie (1980, p.284) descreve o mestre de Lacan da seguinte forma:

Um estilo lapidar e fascinante de concisão e eficácia, um verdadeiro talento de observação analítica, a predileção e o talento para as grandes sínteses e as visões de conjunto, uma cultura psiquiátrica enciclopédica e constantemente presente no espírito e um carisma pessoal certo, parcado com um sentimento seguro de sua superioridade: são estes os elementos que nos ficaram para compreender o fascínio exercido por Gaëtan Gatian de Clérambault sobre seus contemporâneos, bem como as paixões, muitas vezes hostis que ele despertou como ninguém fizera antes no campo da psicopatologia francesa.

Uma das contribuições de Clérambault para o entendimento das psicoses foi ter-nos deixado de herança laudos que, como observa Tzyler (1994, p.119), chegavam ao número de quase uma dezena por dia. Neles pode-se acompanhar o aparecimento de novos termos e sua transformação em conceito. O autor observa ainda que Clérambault, por se interessar pelo desencadeamento das psicoses, buscava leis gerais. (idem, p. 123). Dessas psicoses, pode-se destacar as erotomanias como um campo de observação ao qual ele se debruçou.

Roudinesco (1986, p.126) oferece uma pista do que seria a importância de Clérambault no interesse de Lacan pelas psicoses:

De fato, ele reivindica os ensinamentos de seu mestre, porém os transforma, já que substitui o conceito de *síndrome de automatismo mental* pelo de *estrutura* e integra o delírio passional no arcabouço geral da paranóia.

A ênfase no conceito de automatismo mental leva Lacan a aproximar-se e afastar-se, ao mesmo tempo de seu mestre. Ele dele se aproxima porque, ao adotar a idéia defendida por Clérambault de que os fenômenos de automatismo mental são fundamentais na psicose, a dimensão da linguagem é inteiramente desvelada na paranóia, tal como Lacan pretendia assinalar. Mas, por outro lado, justamente por deter-se na relevância da linguagem na constituição psíquica é que a explicação organicista do automatismo mental é rejeitada por Lacan. Portanto, o que Lacan ressalta como de seu interesse no automatismo mental é a relação da psicose com a linguagem.

A proposta de Lacan sobre a causalidade psíquica vai de encontro com a teoria organicista. Sua proposta era de que a loucura seria um fenômeno do pensamento, não sendo, portanto, um defeito de adaptação à vida. Ao descartar a questão orgânica da loucura em prol da causalidade psíquica traz à cena a dinâmica do desejo e das identificações.

Será que não se centraria nesse ponto a passagem de Lacan da psiquiatria à psicanálise? Ao refutar que as causas orgânicas estariam presentes na etiologia da psicose, Lacan se permite criar seu próprio sistema de pensamento sem deixar de lado a proposta de trazer contribuições ao pensamento psicanalítico.

1.2 Algumas contribuições de Freud a respeito da psicose¹

Um homem que não perde a razão diante de determinadas coisas, não tem nenhuma razão para perder.²

1.2.1 A psicose como defesa

Encontramos os primeiros indícios do interesse de Freud pela psicose num artigo de 1894 que foi intitulado *As neuropsicoses de defesa*.

Nesse trabalho Freud organiza, sob o nome de “neuropsicoses de defesa”, a histeria, as obsessões e alguns casos de confusão mental. Não havia ainda, entretanto, uma definição de psicose tal qual encontraremos a partir de 1924, distinta nosologicamente da neurose. A origem da terminologia empregada em 1894 se explicaria com a hipótese de que todos esses casos clínicos seriam afecções mentais com a característica comum de um elemento de defesa.

Richard Simanke (1994) propõe o seguinte resumo sobre o conceito de defesa:

De modo geral, a defesa pode ser definida como aquele conjunto de operações que visam diminuir ou, de preferência, eliminar totalmente qualquer modificação capaz de por em risco o equilíbrio na economia interna do sistema neuropsíquico. Esta modificação indesejável consiste, eminentemente, no surgimento na consciência de uma representação conflitiva, ou seja, uma representação capaz de induzir um aumento intolerável na intensidade da excitação a ser suportada e metabolizada por aquele pólo da personalidade que Freud, muito cedo, denominou ego. (Simanke, 1994, p. 73)

Compreendemos então a defesa como uma tentativa realizada pelo *eu*³ de manter uma idéia ou uma sensação desagradável afastada da consciência. Nesse momento, Freud postulava que na base do adoecimento estaria um evento traumático. A defesa, portanto, seria o meio encontrado pelo *eu* para manter a idéia desagradável afastada da consciência. Um exemplo de defesa, citado por Freud, é o fenômeno de conversão histérica.

¹ O percurso das obras de Freud aqui empreendido deve-se a uma leitura lacaniana dos textos freudianos mais importantes para a compreensão das psicoses. Seguimos essa leitura a partir das indicações de Antonio Quinet (2003), Neuza Santos Souza (1991) e Solal Rabinovitch (2001).

² Freud cita a frase no Rascunho H (Freud, 1950 [1892-1899], p.254), texto enviado a Fliess. A frase foi extraída da peça *Lessing* de Emilia Galotti, ato IV cena 7. Segundo nota da edição Standard a mesma citação encontra-se em um artigo inacabado de Freud: *Tipos psicopáticos no palco* (1905-1906).

³ Ao longo deste trabalho, optaremos por usar o termo *eu* ao invés de *ego* por ser mais fiel ao original freudiano. Porém, estamos fazendo uso da edição Standard para realizar as citações, e nela se encontra o termo *ego*. Assim, será utilizado no corpo do texto o termo *eu*, mas nas citações e na referência bibliográfica o termo *ego*. O conceito de *eu* sofreu inúmeras modificações em sua obra, por isso, contemplaremos com mais cuidado essas mudanças no próximo capítulo. Nesse momento, quando Freud fala de *eu* podemos assemelhar à consciência.

Ainda segundo Simanke, a teoria da defesa foi uma das contribuições teóricas mais importantes formuladas por Freud antes de 1900, uma vez que o conceito de recalque derivou-se dessa teoria (ibid, p.71). Embora possamos observar uma semelhança entre a teoria da defesa e a teoria do recalque, é importante frisar que o recalque foi formulado posteriormente, sendo uma derivação da teoria da defesa e não um sinônimo.

Lembremos que a teoria do recalque é considerada por Freud como a “pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914, p.26).⁴ O que desejamos especificar com esse comentário é a importância que o conceito de recalque adquiriu na obra freudiana. Vale recordar que Freud postulava que as doenças teriam uma etiologia psíquica. No início essas doenças advinham de alguma experiência traumática real, cuja lembrança seria traumática. A hipótese de Freud sobre o recalque localizaria no inconsciente o lugar onde seriam armazenadas as idéias inconciliáveis com o *eu*. Assim, o que não pudesse ser mantido na consciência seria recalçado, ou seja, afastado da consciência. Uma forma possível de trazer novamente à consciência tais representações desagradáveis, segundo Freud, seria o tratamento psicanalítico, que, por sua vez, teria como principal método a associação livre. Ao falar livremente “tudo que lhe viesse à cabeça”, (Freud 1909, p. 144) o analisante experimentaria momentos em que, através de lapsos e associações, testemunharia o retorno do conteúdo recalçado. Mas por que motivos alguém preferiria recordar um evento traumático, ao invés de mantê-lo afastado da consciência? Freud postulava que a recordação de um evento traumático pela fala e a posterior elaboração de seu conteúdo evitaria que ele retornasse ao sujeito na forma de um sintoma.

A compreensão desse mecanismo foi um dos fatores que permitiu a Freud, posteriormente, abandonar a hipnose como método e inaugurar a psicanálise como uma nova terapêutica, que visava acessar o conteúdo inconsciente ou inacessível ao sujeito pela fala.

Fizemos essa pequena digressão, pois, consideramos necessário apresentar o conceito de defesa e o de recalque antes de continuarmos a nossa pesquisa.

Resta, então, esclarecer um pouco mais o campo das neuropsicoses de defesa, que é o que nos interessa nesse momento. Como dissemos anteriormente, Freud irá incluir sobre esse nome as fobias, histerias e até alguns casos de confusões alucinatórias. O traço comum entre elas seria a evidência de um conflito defensivo no

⁴ Encontramos essa definição do recalque no artigo *A história do movimento psicanalítico* quando relata os motivos do abandono na hipnose como técnica terapêutica.

cerne do adoecimento. Ou seja, a defesa surgiria como o meio encontrado pelo *eu* para manter a sua integridade e constância.

É importante lembrar que dentro do grupo das neuropsicoses inclui-se a psicose, pois Freud assinalava que o sintoma psicótico também apareceria por conta de uma defesa. Agora vejamos como Freud sustenta a teoria da defesa no caso da psicose.

Portanto, é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose. O processo pelo qual isso é conseguido escapa, mais uma vez, à auto-percepção do sujeito, assim como escapa à análise psicológico-clínica. Deve ser encarado como a expressão de uma predisposição patológica de grau bastante alto e pode ser descrito mais ou menos como se segue. O eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em minha opinião, este último evento é a condição sob a qual as representações do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a termo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória. (Freud, 1894, p. 176).

Uma das formas da psicose apresentar uma defesa será estudada por Freud como mecanismo da projeção. O que nos interessa marcar em relação à projeção é que a mesma apresenta-se como um mecanismo peculiar da paranóia⁵. Passemos então ao próximo ponto para que possamos estudar um pouco mais essa questão.

1.2.2 A projeção

Acabamos de apresentar um texto escrito por Freud em 1894. Como desejamos continuar a pesquisa dos textos freudianos em que podemos encontrar referências à psicose, sugerimos continuar por essa trilha histórica.

Encontraremos no ano seguinte, em 1895, um manuscrito enviado a Wilhelm Fliess, o rascunho H, no qual Freud se dedica a estudar a paranóia. O que irá nos interessar nesse artigo será a introdução do conceito de projeção a partir da observação de um caso de paranóia.

Nos chama a atenção, contudo, no início do artigo, a semelhança dada entre a paranóia e a neurose obsessiva. Ele aproxima essas duas classes de patologia designando ambas como distúrbios puramente intelectuais. Outro comentário de Freud

⁵ Esta rejeição da idéia incompatível junto com um fragmento da realidade é reformulada por Lacan com o conceito de “foraclusão”, característico das psicoses (Rabinovitch, 2001). No entanto, não trabalharemos este conceito aqui, uma vez que nosso escopo consiste na abordagem do aspecto imaginário do conhecimento. Em outras palavras, nos interessamos pela paranóia enquanto uma característica do conhecimento humano, e não enquanto uma estrutura clínica. É sobre o aspecto transestrutural que nos detemos.

diz respeito ao conflito psicológico que estaria na base do adoecimento psíquico. Vejamos o que ele diz a respeito:

Se as obsessões já foram atribuídas a uma perturbação afetiva e se encontrou prova de que elas devem sua força a um conflito, então a mesma opinião deve ser válida para os delírios, e também estes devem ser consequência de distúrbios afetivos, e sua força deve estar radicada num processo psicológico. Os psiquiatras aceitam o contrário desse fato, ao passo que os leigos tendem a atribuir a loucura delirante a eventos mentais desagregadores. (Freud, 1895, p.253-254).

Mais à frente, neste mesmo artigo, ele volta inclusive a lembrar que tanto a paranóia quanto a neurose obsessiva e a histeria são modos patológicos de defesa, ressaltando, mais uma vez, que o adoecimento ocorre diante de situações intoleráveis.

Será apoiado na idéia de uma representação intolerável que Freud irá explicar o conceito de projeção, dando como exemplo a projeção paranóica, ressaltando que embora seja muito freqüente nessa afecção, não se trata de um mecanismo exclusivo da paranóia.

Ele oferece como exemplo o caso de uma moça que se considerava observada e perseguida pelos vizinhos. O que vale a pena destacar nesse caso incide sobre o mecanismo de projeção. Na realidade, a moça descrita projetava nos outros as recriminações que na realidade ela evitava fazer a si mesma.

Portanto, o que Freud salienta como peculiar à projeção é a localização ou transposição para outros de conteúdos próprios ao sujeito, que se apresenta como um mecanismo de defesa do eu.

Em 1896 irá redigir um novo artigo intitulado de *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Nesse texto ele retoma suas considerações sobre as psiconeuroses de defesa e novamente compara a neurose obsessiva à paranóia.

Na paranóia ele irá observar que recriminações são projetadas no mundo exterior, sendo que na neurose obsessiva, vários conteúdos recriminatórios permanecem nos pensamentos dos obsessivos. Sobre a projeção paranóica Freud afirma o seguinte:

Na paranóia, a auto-acusação é recalcada por um processo que se pode descrever como *projeção*. É recalcada pela formação do sintoma defensivo de *desconfiança nas outras pessoas*. Dessa maneira, o sujeito deixa de reconhecer a auto-acusação; e, como que para compensar isso, fica privado de proteção contra as auto-acusações que retornam em suas representações delirantes (1896, p.182.)

Segundo Simanke (1994), por Freud assegurar que a projeção se aplicaria a todos os casos de paranóia, equivaleria dizer que ela poderia ser identificada como um

novo “critério nosográfico” (p.84), que não estaria necessariamente atrelado à psiquiatria da época. Sua contribuição para realizar uma nosografia psicanalítica seria, segundo esse autor, a perspectiva do uso da projeção como critério de identificação de uma psicose paranóica.

Para Freud, também seria possível definir a paranóia a partir, por exemplo, da megalomania não havendo a necessidade de haver um delírio persecutório para caracterizar a paranóia. Nesse caso, a idéia delirante manteria afastada do eu uma representação desagradável.

Lembremos que Freud nesse período ainda realizava a inclusão de várias afecções sobre o grande grupo das neuropsicoses de defesa. Até o momento estamos apresentando textos que correspondem aos primórdios da psicanálise. Posteriormente, contudo, a partir de sua segunda tópica, Freud apresentará mais dois textos sobre a psicose nos quais realizará uma distinção mais clara entre a neurose e a psicose. Vejamos como no próximo item.

1.2.3 A questão da realidade: hipótese e distinção diagnóstica

As considerações de Freud sobre a psicose não se encerram nos textos citados acima. Em 1924 Freud publica dois artigos *Neurose e Psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*. O que iremos observar a partir desse momento será uma distinção um pouco mais específica em relação à neurose e à psicose. Examinemos o comentário a seguir.

Em vinculação com uma seqüência de pensamento levantada em outros campos, relativa à origem e prevenção das psicoses, ocorreu-me agora uma fórmula simples que trata com aquilo que talvez seja a mais importante diferença genética entre uma neurose e uma psicose: a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo. (1924 [1923], p.167)

Freud anuncia nesse texto, que buscará aplicar algumas idéias formuladas no artigo *O eu e o isso* (1923), ao buscar observar a gênese específica da neurose por um lado e da psicose por outro. As idéias elaboradas em 1923 que ele irá fazer uso no artigo de 1924 dizem respeito a uma das instancias psíquicas estudadas por ele: o eu e o modo como o mesmo se constitui.

Observamos no trabalho de 1924 (*Neurose e Psicose*) que Freud não estabelece uma grande distinção entre o *eu* formado na neurose e o *eu* formado na psicose. Por isso, a forma encontrada para diferenciá-los residiria na relação que o *eu*

estabelece com o que Freud convencionou chamar de seus senhores, ou seja, as relações do *eu* com diversas instâncias. Essa questão foi uma das tônicas do artigo *O eu e o isso*⁶ que, por sua vez, foram retomadas em 1924.

Para Freud o *eu* se relacionaria com o *isso*⁷, com o *supereu* e com o mundo externo. Ainda segundo Freud, o mundo externo poderia se relacionar com *eu* de duas formas distintas. Através de percepções atuais, que seriam sempre renováveis, ou armazenando percepções anteriores como o conteúdo do mundo interno, o *eu* seria capaz de criar um novo mundo interno e externo, mas ambos seriam criados a partir dos impulsos do *isso*. Caso houvesse uma frustração muito intensa, o *eu* ficaria abalado.

Ao mostrar as relações do *eu* com o mundo Freud demonstra, mais uma vez, que o início de uma neurose ou uma psicose são, portanto, semelhantes: a frustração não realizada que seria externa. Diante desses fatos, o *eu* teria duas alternativas: ou ele continuaria numa dependência do mundo externo ou o *isso* seria silenciado. Freud afirma o seguinte:

O efeito patogênico depende de o ego, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da realidade. Uma complicação é introduzida nessa situação aparentemente simples, contudo, pela existência do superego, o qual, através de um vínculo ainda não claro para nós, une em si influências originárias tanto do id quanto do mundo externo, e constitui, até certo ponto, um modelo ideal daquilo a que visa o esforço total do ego: uma reconciliação entre os seus diversos relacionamentos dependentes. A atitude do superego deveria ser tomada em consideração — o que até aqui não foi feito — em toda forma de enfermidade psíquica. Podemos provisoriamente presumir que tem de haver também doenças que se baseiam em um conflito entre o ego e o superego (Neurose e Psicose, 1924, p.169)

O segundo artigo *A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)*, escrito num intervalo de apenas alguns meses em relação ao primeiro, parece ser uma complementação do que não teria sido contemplado no artigo anterior.

Ele irá, então, se deter sobre os mecanismos que envolveriam a perda da realidade. Pode-se também constatar uma perda da realidade tanto na psicose quanto na neurose, mas de outra ordem.

A diferença entre a perda da realidade na neurose e na psicose encontra-se no “desfecho final”. Com o primeiro artigo vimos que a gênese de ambas afecções seria parecida, contudo, haveria uma diferença. O que estamos tentando afirmar com isso? O que se percebe é que o fragmento da realidade que é evitado na neurose será

⁶ No capítulo seguinte exploraremos melhor esse texto de Freud, pois estaremos empenhados em estudar as relações de eu com o conhecimento.

⁷ Ainda não tratamos sobre o *isso* nesse capítulo. Conforme dissemos anteriormente, preferimos adotar a tradução de “eu, isso e supereu” ao invés de “ego, id e superego”. Embora algumas citações do texto de Freud estejam redigidas dessa forma.

evitado por uma espécie de fuga. Então, poderíamos com Freud assinalar que na neurose também há uma tentativa de se evitar a realidade. Por outro lado, na psicose notamos uma tentativa de substituição da realidade pelo delírio. Resumidamente, então encontraríamos na neurose a fuga e na psicose a substituição.

Recentemente indiquei como uma das características que diferenciam uma neurose de uma psicose o fato de em uma neurose o ego, em sua dependência da realidade, suprimir um fragmento do id (da vida instintual), ao passo que, em uma psicose esse mesmo ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade. Assim, para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id. Na psicose a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada. (Freud, 1924, p. 205).

É interessante apresentar como Freud concebia a perda da realidade no caso da psicose. Ele salienta a importância das percepções nesse caso.

Em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela — isto é, sobre os traços de memória, as idéias e os julgamentos anteriormente derivados da realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente. Essa relação, porém, jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por novas percepções. (idem, p 207).

Podemos constatar nessas citações que a perda da realidade ou o delírio desempenharia um papel importante na psicose. Embora já tenhamos apresentado o rascunho H, vale recordar o estudo que Freud fez ao demonstrar que a idéia delirante é muito importante na psicose. Ele constata que em todos os casos estudados a idéia delirante é sustentada com muita energia, tornando-se impossível questionar o conteúdo delirante. Por mostrar que o delírio é muito importante ao sujeito ele afirma que: “*Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo*”. (Freud, 1895, p.257).

Encontramos na idéia de amar ao delírio como a si mesmo uma das mais importantes pistas que podem nos auxiliar a compreender como alguns psicóticos se prendem a suas idéias delirantes e como se mostra ineficaz na clínica a refutação de um delírio. Na medida em que ocorre a frustração do *eu* encontramos no delírio uma forma de sustentação da realidade. Daí, talvez, se justifica a hipótese de Freud de que o delírio é uma tentativa de cura, pois se partilharmos dessa hipótese podemos também pensar que o delírio estaria na base da estabilização psicótica.

Por outro lado, o que aqui mais convém demarcar é a constituição de um *eu* mediante a atividade delirante. A sua importância para a estabilização residindo

justamente neste ponto, na tentativa de constituição de uma unidade corporal unificada.

1.2.4 O eu e o narcisismo

No início desse capítulo buscamos retomar a história da paranóia e apresentamos rapidamente a influência que Lacan recebeu de Clérambault, para só então apresentarmos a contribuição de Freud sobre a psicose.

Foi possível observar até o momento, no que diz respeito às psicoses em Freud, que seus estudos nos direcionam a pensar sobre o papel desempenhado pelo *eu*. Vemos, a partir dos desenvolvimentos de Freud nos dois artigos de 1924 (já citados mais acima), que naquele momento ele se detém numa investigação do papel desempenhado pelo eu na perda da realidade.

O *eu*, portanto, é o elemento chave para avançarmos em nossa pesquisa. Por isso, dedicaremos o próximo capítulo ao seu estudo. Buscaremos compreender melhor como o *eu* poderia ser compreendido *lócus* do conhecimento. Para tanto, antes será necessário estudarmos um dos textos mais fundamentais da obra freudiana: *Sobre o Narcisismo*, escrito em 1914.

Freud começou a trabalhar o conceito de narcisismo a partir da descrição de alguns casos de psicose, questionando de que maneira a libido estaria implicada na megalomania (entendida como um desvio da libido), encontrada nesses casos. Assim, Freud irá conceber o conceito de neurose narcísica, a qual tem origem num desinvestimento da libido do *eu* para o mundo externo.

Nesse momento, as neuroses narcísicas passam a abarcar o grupo das paranóias, bem como a esquizofrenia e a melancolia. O uso dessa classificação foi extremamente passageiro na obra de Freud, sendo posteriormente abandonado com a segunda tópica, após a qual, como vimos, será feita uma diferenciação entre neurose e psicose. Enquanto Freud ainda fazia uso dessa primeira classificação, ele distinguiu as neuroses narcísicas das neuroses de transferência. Este último grupo compreenderia a histeria de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva (que não privilegiaremos neste estudo). Recordemos que até esse período, em que há a formulação da neurose narcísica, tanto as psicoses quanto as neuroses se agrupavam no grupo das psiconeuroses. Observemos ainda que o que permite a

Freud fazer essa distinção entre neurose e psicose será o estudo do investimento libidinal realizado pelo *eu*, o que o conduziu posteriormente à hipótese do narcisismo.

Apesar de termos adiantado um pouco a história do desenvolvimento do conceito de narcisismo, trata-se de um conceito complexo na obra freudiana, o que exigirá que nos detenhamos mais amplamente neste ponto.

Freud inicia o artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914, p.84), assinalando que o *eu*, enquanto unidade corporal unificada, não está presente desde o começo, faz-se necessária uma “nova ação psíquica” para que se passe do auto-erotismo para o narcisismo. Em outras palavras, durante o auto-erotismo, o corpo não é experimentado como uma unidade, mas como um corpo despedaçado. O que permite, então, esta mudança?

Para destacar este processo, Freud evoca a noção de “eu ideal”, assinalando uma etapa da vida da criança em que ela é amada incondicionalmente, em sua expressão, ela é “Sua Majestade: o Bebê”. Contudo, a medida em que as exigências da realidade se impõem, a criança passa a ter que atender a alguns objetivos a fim de ser amada. Essas condições ou critérios a ela impostos para a obtenção do amor dos pais nada mais são que o próprio narcisismo perdido dos pais nelas projetado. Dito de outro modo, aquilo que os pais consideram como os “ideais” por meio dos quais eles seriam novamente amados como na época de “Sua Majestade: o Bebê” é exigido da criança. Para esta ser amada é preciso obedecer a certos preceitos. Forma-se, assim, o “ideal do eu”. Freud diz:

O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914, p.101)

Portanto, evidencia-se que para a formação do eu há necessidade de um outro para que ele se constitua. O papel dos pais no amor encontrado durante o período em que o indivíduo vivencia o “eu ideal”, bem como o estabelecimento posterior do “ideal do eu” com o qual o indivíduo terá que se identificar a fim de afastar a ameaça do desamparo, é fundamental na constituição do eu.

Essa questão esclarece uma observação que Freud faz em seu Projeto para uma Psicologia Científica (1895, p.370), sobre o desamparo ser constituinte a todo sujeito, pois, para termos essa unidade corporal e psíquica que Freud chama de eu, temos que estar em dependência com o outro. Atrelado ao “eu ideal” apresenta-se a fase denominada de narcisismo primário. Quando esta dependência do outro é mais incisiva, com a constituição do “ideal do eu”, surge o que se denomina de “narcisismo secundário” ou narcisismo propriamente dito.

Assim, após este momento em que o sujeito diferencia-se do mundo externo, constituindo-se como um objeto total, ou seja, uma imagem corporal unificada, torna-

se possível que o próprio *eu* seja tomado como objeto de investimento libidinal. A libido investida nos objetos pode ser direcionada ao próprio *eu* e vice-versa. Assim é como Lacan lê Lacan esse texto, como veremos em seu estágio do espelho.

Este refluxo da libido, ora sobre o *eu*, ora sobre objetos do mundo externo, é bem desenvolvido por Freud ao abordar a melancolia e o caso Schreber, que aqui nos interessa.

O caso Schreber, por mostrar alguns desses elementos como identificação, o papel dos pais e o lugar em que a libido ocupa será nosso interesse a partir de agora.

1.2.5 Schreber, o grande cientista

O paranóico só conhece o saber. Sua relação com o saber constitui seu sintoma. O que o persegue a não ser um saber que passeia pelo mundo, a não ser um saber que se faz mundo? (Miller, 1996, p. 149).

Em Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911) Freud inicia a apresentação da história de Schreber destacando se tratar de um caso de extrema relevância para o estudo da paranóia. Ele assinala que o fato de os psicóticos em geral revelarem o que, na maior parte das vezes, os neuróticos mantêm em segredo contribui muito para a investigação psicanalítica sobre as patologias mentais.

Freud resume a parte essencial do sistema delirante de Schreber na crença de ter a missão de redimir o mundo e com isto restituir uma beatitude perdida. Isto é, restituir ao mundo as virtudes graças à aceitação por parte de Schreber de cumprir com sua missão. Contudo, devemos destacar que, para Schreber, esta missão redentora deveria ser precedida por sua transformação em mulher de Deus.

Num primeiro momento a descrição da essência delirante de Schreber poderia parecer sem relevância para nosso trabalho. Entretanto, o que nos interessa estudar é o modo como seu delírio adquire consistência e como o doente realiza a construção de seu intrincado sistema de pensamento. Além disso, podemos também salientar que sua construção foi extremamente relevante para encontrar a sua estabilização.

Por isso, para que possamos melhor compreender os fundamentos do sistema delirante de Schreber, faz-se necessário apresentar primeiramente alguns fatos de sua história. Após essa apresentação retomaremos os principais conteúdos de sua

narrativa, para que tentemos compreender os principais elementos de seu sistema delirante.⁸

Daniel Paul Schreber, juiz da corte de apelação de Dresden, começa o relato de suas memórias observando ter sofrido dos nervos por duas vezes, ambas oriundas de uma excessiva tensão que o trabalho lhe acarretava. A primeira vez que ficou doente foi justificada por ele, como tendo sido causada por uma excessiva quantidade de preocupações na época de sua candidatura a juiz da corte de apelação de Dresden. Ele fora tratado pelo Dr. Flechsig, que por sua vez, caracterizou o seu quadro como uma crise grave de hipocondria. Sua primeira doença começou no outono de 1884, mas ao final de 1885 já se encontrava restabelecido. A partir dessa época passou a sentir uma enorme gratidão pelo Dr. Flechsig, sentimento que mudou radicalmente com o avanço de sua doença.

Ao ser nomeado em 1893 como presidente da Corte de Apelação, começaram a surgir os primeiros sintomas. Antes de iniciar o trabalho em sua nova função começou a sentir-se estranho e a sonhar diversas vezes que estava novamente doente. Um dia, sem saber ao certo se estava acordado ou dormindo, teve o pensamento de que deveria ser bom ser uma mulher durante o coito. Seguiu-se um período em que foram se esboçando os principais elementos de seu delírio, bem como a reversão de Flechsig para seu perseguidor. Essa última crença delirante nunca fora abalada, tanto que na introdução de seu livro de memórias ele endereça uma dedicatória ao seu antigo médico ainda duvidando se não haveria uma relação maior com eles por uma conexão com o pensamento.

Os elementos de seu delírio que pretendemos destacar aqui falam da elaboração de uma língua fundamental que era falada por Deus, as almas do corpo, o papel de Deus e a sua missão de redimir o mundo com a conseqüente transformação em mulher de Deus.

Como vimos acima, Deus desempenhou um papel vital em seu delírio. Ele formula para Deus um sistema complexo de funcionamento com regras próprias e Schreber assume a posição de profundo conhecedor dessas regras. Uma de suas missões com a escrita das memórias seria a de partilhar esse conhecimento com o mundo.

Notamos, então, nesse caso de psicose paranóica a ênfase dada à necessidade de partilhar o novo conhecimento que, para Schreber era uma grande e importante revelação.

⁸Utilizaremos tanto as referências de Freud quanto as do próprio Schreber, a partir de seu livro de memórias.

Vejam, pois, como Schreber nos apresenta a figura de Deus. Para ele, Deus seria constituído por nervos em uma quantidade infinita e, para que o homem fosse criado, Deus retiraria de si uma parte de seus próprios nervos. Schreber (1903) ressaltava que Deus era “aparentado à alma humana”, mas diferenciava-se dos homens pelo fato de seus nervos existirem em um número ilimitado e serem eternos. O ser humano, então, seria constituído pelos nervos/alma além do próprio corpo. A alma estaria contida nos “nervos do corpo”. Uma parte dos nervos seria capaz de receber impressões sensoriais e a outra de receber e reter as impressões espirituais sendo por isso denominadas de “nervos do intelecto” (Schreber, 1903, p. 34).

Para Schreber, Deus teria a capacidade de se conectar com algumas pessoas dotadas – citando, por exemplo, os poetas - realizando uma conexão nervosa que proporcionaria ao homem vivo sonhos, pensamentos e outras representações do Além. Deus realizaria comumente esta conexão com “cadáveres” para extrair os nervos dos mesmos, que deveriam ser purificados (idem, p.36).

Durante este processo de purificação, Deus se comunicaria com as almas através do que Schreber nomeou de “língua fundamental”. Segue a explicação de Schreber sobre este idioma particular:

As almas a serem purificadas aprendiam, durante a purificação, a língua falada pelo próprio Deus, a chamada *língua fundamental*, um alemão arcaico, mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos (assim, por exemplo, recompensa com o sentido oposto, de punição, veneno por alimento, suco por veneno, profano por sagrado etc.) O próprio Deus era designado como a respeito daquele que é e será – perífrase da eternidade, e era tratado como *Sua Majestade Fidelíssima*. (Schreber, 1903, p.37).

Pelo que observamos até o momento, haveria um equilíbrio nas funções de Deus e dos homens, salvo quando alguns homens iniciavam um processo de grande excitação. Devido a essa questão, Schreber viu-se ameaçado por Deus. Mas afinal, o que poderia acontecer, segundo Schreber, com o excesso de excitação?

Quando os nervos do homem vivo entravam num grande estado de excitação eles atraíam para si os nervos de Deus, de tal forma que a existência divina ficaria comprometida e em perigo. Todavia, Deus seria capaz de perceber tudo o que acontece na terra graças à luz que emana do Sol e dos demais astros. Devido a este estado de excitação, Deus passaria a se comunicar com ele através das vozes nessa língua fundamental com o intuito de se resguardar dos nervos excitados de Schreber. Para se defender foi produzido através de Flechsig, uma ligação nervosa à alma de Schreber motivando assim um “assassinato de alma” (expressão da língua

fundamental de Deus), que se refere à fala produzida dentro de sua cabeça com o objetivo de levá-lo à ruína. Schreber observa que:

A capacidade de interferir desse modo sobre os nervos de uma pessoa é, antes de mais nada, própria dos raios divinos; isso decorre do fato de que Deus sempre esteve em condições de inspirar sonhos a uma pessoa adormecida. (...) O modo como essa interferência se verificava assumiu, com o decorrer dos anos, formas cada vez mais atentatórias – diria cada vez mais grotescas – diante da Ordem do Mundo e do direito natural do homem de dispor livremente de seus próprios nervos. (ibid, p. 61).

Vemos então que a introdução de Flechsig como perseguidor é causada por Deus como uma tentativa de se resguardar do próprio Schreber.

O resultado dessa interferência é o que Schreber denomina de “coação a pensar”, explicando que essa expressão foi sugerida pelas próprias vozes. O efeito produzido seria a obrigação de pensar ininterruptamente impedindo o descanso dos “nervos do intelecto” através do não-pensar.

Notamos que Schreber faz questão de ressaltar que os termos e expressões que escuta dessa “língua fundamental” não foram inventados por ele, assim como nunca havia escutado tal expressão de nenhum homem. Justifica redigir estas expressões entre aspas justamente por não serem de sua autoria. Relata que estes termos apenas reproduzem a designação sob a qual as vozes falam com ele. Essa afirmação salienta o quanto Schreber tem a sensação de ser invadido em seus pensamentos, observando que até as palavras lhe são estrangeiras.

Com essa breve apresentação percebemos como é complexo o sistema delirante de Schreber e como ele apresenta uma preocupação em tentar dar conta de explicar minuciosamente o funcionamento do mundo e seu papel diante disso. Essa exigência de sentido, de um sentido total, acabado e inequívoco, faz, para Lacan, da paranóia um modelo da forma como se estrutura o conhecimento de um modo geral.

Assim, em seu sistema de que forma então, Schreber encontraria saída, já que observamos que contra Deus dificilmente ele conseguiria um meio de se proteger? A solução encontrada por Schreber localiza-se na aceitação dos desígnios de Deus, ou seja, aceitar que ele seria transformado em mulher através da emasculação. Por emasculação compreendemos a transformação dos órgãos internos ao mesmo tempo em que os órgãos masculinos iriam se retrair para o interior do corpo.

O corajoso relato de Schreber, além de tocante, permite ao seu leitor observar como foram elaborados os principais dados lógicos que lhe permitiram encontrar sua estabilização.

Em diversos momentos, Schreber defende-se de qualquer tentativa de refutação do conhecimento expresso em seu texto. Não podemos nos esquecer que é

exatamente o seu texto com toda a riqueza de detalhes contida nele, que conduzem Schreber de volta às suas atividades. A leitura das memórias de Schreber então, nos leva a uma curiosa percepção: na medida em que sua internação avança, ele parecia sentir-se cada vez mais conhecedor de toda e qualquer verdade do mundo. No capítulo sugestivamente intitulado “Concepção egocêntrica dos raios com relação à minha pessoa”, ele afirma:

Quanto à incapacidade de Deus para compreender o homem vivo como organismo e particularmente para julgar corretamente sua capacidade de pensar tenho ainda de acrescentar um outro ponto, que em muitos aspectos se tornou importante para mim. Posso descrever brevemente esse ponto: *tudo o que acontece se refere a mim*. Ao escrever essa frase, estou plenamente consciente de que as pessoas logo pensarão em uma imaginação doentia da minha parte, pois sei bem que justamente a tendência a referir tudo o que acontece a si mesmo, relacionando-o com a própria pessoa, é um fenômeno que acontece com frequência em doentes mentais. Mas, na realidade, no meu caso, passa-se o contrário. Desde que Deus entrou em uma conexão nervosa exclusiva comigo, eu me tornei para Deus, num certo sentido, o homem, ou o único homem em torno do qual tudo gira, ao qual tudo deve se referir e que por isso, também do seu próprio ponto de vista, tem de referir a si mesmo todas as coisas”. (Schreber, 1903 p. 205)

O que nos interessa em seu texto é observar que ele se coloca como um verdadeiro cientista de si mesmo ao investigar suas descobertas e relatá-las. Não nos esqueçamos que estamos desde o início tentando marcar como encontramos na paranóia uma curiosa relação com o conhecimento. Na citação acima fica bem clara essa vinculação. Poderíamos apontar ainda outro trecho de suas memórias onde Schreber insiste num apelo para que se reconheça em seu relato um caráter de verdade:

Poder-se-ia talvez apenas duvidar de que eu *possa e queira* dizer a verdade, isto é, pensar que talvez eu tenha tendência a exagerar, ou sofra de certos auto-enganos. Contra isso posso afirmar por mim mesmo – pensem o que quiserem das minhas outras capacidades mentais – que, de qualquer modo, pretendo que sejam reconhecidas duas capacidades: por um lado, *o inquebrantável amor à verdade* e, por outro, *um dom de observação fora do comum* – e que a presença dessas duas qualidades não será posta em dúvida por ninguém que me tenha conhecido em tempos que eu gozava de boa saúde e que hoje poderá ser testemunha de toda a minha conduta (ibid, p.194).

A forma como descreve seus pensamentos permite a Freud tecer importantes considerações a respeito do mecanismo paranóico, retomando conceitos que já haviam sido descritos em outros trabalhos. Também observaremos a gênese de dois conceitos que só mais tarde serão formulados melhor: o narcisismo e o complexo de Édipo.⁹

⁹ Analisaremos essa questão detalhadamente no próximo capítulo desse trabalho.

O que Freud busca especificar como um mecanismo particular da paranóia localiza-se na tentativa de afastar a fantasia de desejo homossexual que termina produzindo delírios de perseguição.

A hipótese de uma defesa contra a homossexualidade será amplamente discutida por Freud no item III de seu artigo sobre o presidente Schreber. Irá defender que todos os casos que viu e atendeu de paranóia traziam uma defesa contra o desejo homossexual no centro do conflito paranóico.

Ele busca explicar sua teoria rememorando que seus estudos realizados nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) permitiram que ele observasse a existência de um estágio no desenvolvimento da libido situada entre o auto-erotismo e o amor objetal que ele nomeou como narcisismo. Talvez convenha observar que na ocasião da escrita do artigo sobre Schreber (1911) ele não havia ainda contemplado um texto exclusivamente sobre o narcisismo.

Percebemos que Freud relembra o artigo de 1905, pois está realizando uma investigação em torno da questão da homossexualidade de Schreber. Por isso, ele retoma brevemente a questão da escolha objetal, passando pela escolha de si mesmo como objeto amoroso (razão pela qual evoca o período do narcisismo) com o intuito de marcar os caminhos percorridos pela libido. Freud marca que existe um período em que se realiza a escolha objetal, mas mesmo que essa se incline para uma escolha pela heterossexualidade, a tendência homossexual acaba sendo desviada de seu objetivo para ser aplicada a uma nova utilização. Vejamos:

Combinam-se agora com partes dos instintos do ego e, como componentes 'ligados', ajudam a constituir os instintos sociais, contribuindo assim como um fator erótico para a amizade e a camaradagem, para o *esprit de corps* e o amor à humanidade em geral. (Freud, 1911,p.69)

É necessário assinalar que estamos percorrendo o terreno da fantasia e não, como poderia parecer, o campo da homossexualidade como escolha objetal. Freud explicará a defesa contra a homossexualidade de Schreber a partir do estudo da fixação da libido¹⁰. A razão de considerar a fixação importante observa-se, pois Freud defende que no caso da psicose essa fixação explicaria o desencadeamento de uma crise. Vejamos como:

As pessoas que não se libertaram completamente do estágio de narcisismo – que, equivale a dizer, têm nesse ponto uma **fixação** que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior – acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a

¹⁰ Lacan (1973 *apud* Quinet, 1996) atribui outra função a esta “homossexualidade” de Schreber, relacionando-a às noções de “fora do sexo” e de “empuxo à mulher”.

uma sexualização de seus instintos sociais e desfazer assim as sublimações que haviam alcançado o curso de seu desenvolvimento. Este resultado pode ser produzido por qualquer coisa que faça a libido fluir regressivamente (isto é, que causa uma **regressão**): quer por um lado, a libido se torne colateralmente reforçada, devido a algum desapontamento com uma mulher, ou seja, diretamente represada devido a um infortúnio nas relações sociais com outros homens, ambos os casos sendo exemplos de **frustração**... (Freud, 1911, p.69-70).¹¹

Buscamos grifar as palavras fixação, regressão e frustração, pois Freud utilizará essa tríade na tentativa de explicar a paranóia. A fixação da libido estaria localizada no narcisismo e a regressão se realizaria nesse ponto de fixação do narcisismo. A frustração segundo Freud causaria uma intensificação da libido que, sem encontrar um escoadouro, se manifestaria no desencadeamento da psicose.

Freud, então, afirma que:

Assumindo então o ponto de vista de que o que jaz no cerne do conflito, nos casos de paranóia entre indivíduos do sexo masculino, é uma fantasia de desejo homossexual de *amar um homem*, certamente não esqueceremos que a confirmação de hipótese tão importante só pode decorrer da investigação de um grande número de exemplos de toda espécie de distúrbio paranoide. Temos, portanto, de estar preparados, se preciso for, para limitar nossa assertiva a um único tipo de paranóia. Não obstante, constitui fato notável que as principais formas de paranóia, conhecidas podem ser todas representadas como contradições da proposição única 'eu (um homem) o amo (um homem)', e que na verdade exaurem todas as maneiras possíveis em que tais contradições poderiam ser formuladas. (ibid,p. 70-71)

A proposição de Freud demonstra ser muito útil ao lembrarmos de como Flechsig transforma-se ao longo da doença de Schreber. Na análise do caso, Freud mostra como Flechsig está sendo alvo de uma transferência dos sentimentos ambivalentes de Schreber. No delírio de perseguição há uma transformação da sentença *eu o amo* em *eu o odeio* seguida da projeção no outro *ele me odeia*. Freud, contudo, assinala que o mecanismo de projeção não é específico da paranóia e pode ser encontrado na neurose e na vida cotidiana.

Encontraremos também esse mecanismo de projeção no caso de Lacan que ainda apresentaremos, o caso Aimée. Contudo, há uma diferença fundamental entre Schreber e Aimée. Enquanto o primeiro elabora seu conteúdo persecutório com a escrita de suas memórias, a segunda necessita produzir um ato para expiar sua angústia.

Em ambos os casos observa-se que sempre há na paranóia um conhecimento em jogo: um conhecimento sobre o outro que lhe ama ou persegue, ou mesmo um entendimento único e completo sobre difíceis postulados. Mas a estreita relação entre paranóia e conhecimento não se esgota nesse ponto.

¹¹ Grifo nosso.

Convém ainda notar que para Lacan todo conhecimento é paranóico pela forma especular como o *eu* se organiza. É a partir do outro que o sujeito irá conhecer o mundo e perceber a realidade em que vive. Por essa razão, encontramos na paranóia um exemplo paradigmático para a equação em que se forma o conhecimento.

Assim, no capítulo que se segue nos dedicaremos ao *eu*, pois o conhecimento surge a partir do outro e o *eu* é formado nessa relação dual. Curiosamente, quando Freud nomeia a formação do *eu* como período do narcisismo, ele se remete ao mito de Narciso, personagem da mitologia que, ao apaixonar-se por sua própria imagem refletida na água julgando ser um outro indivíduo, se atira no rio em busca da imagem amada e morre. Este engodo presente nesse mito também se apresenta no que Freud denomina de escolha objetal narcísica. Além disso, apresenta-se nesse mito a necessidade do olhar do outro para constituição do sujeito, o que, conforme veremos, é um elemento importante para compreender a noção do conhecimento paranóico.